

## **O jornalismo da imprensa: a dificuldade dos jornais impressos em se estabelecerem com qualidade informativa em sites na internet<sup>1</sup>**

Raphaela Xavier de Oliveira Ferro<sup>2</sup>

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás

**Resumo:** A internet provocou mudanças no jornalismo. As redes sociais e a possibilidade de contato direto com o público também. Ainda perdidos na tentativa de se adequar a esse novo universo, os jornais impressos têm dificuldade para se estabelecer em seus sites. O caso de um estupro que teria ocorrido na Universidade Federal de Goiás (UFG) em junho de 2016, e como a cobertura do fato foi conduzida pelo jornal O Popular, de Goiânia (GO), é um exemplo de como veículos tradicionais de imprensa se perdem e se distanciam de elementos caros ao jornalismo na busca por audiência (acessos) em seus sites.

**Palavras-chave:** jornalismo; jornal impresso; internet; site; adaptação.

### **Introdução**

O jornalismo historicamente passa por transformações sempre que há o avanço da tecnologia. Tanto o é, que vive, no momento, o processo de mudança causado pelas novas tecnologias da comunicação, com as quais ainda se esforça para conviver. Quando a internet começou a demonstrar seu potencial enquanto mídia, a previsão imediata era de que logo os jornais teriam seu fim, como se previu o fim do cinema e do rádio com a chegada da televisão às casas da população. Não é possível dizer se esse será o futuro, entretanto os jornais ainda demonstram dificuldade para se adaptarem à nova realidade trazida pela *web*.

Na “nova cultura da mídia de 24 horas por dia de notícias”, como definem Kovach e Rosenstiel (2004, p. 75), a instantaneidade tem cobrado seu preço em qualidade. Os sites dos jornais, ao invés de se espelharem na forma como construíram credibilidade por meio de sua versão impressa, se afastam de elementos básicos do jornalismo enquanto detentor da função social de, ainda segundo Kovach e Rosenstiel

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Raphaela Xavier de Oliveira Ferro é Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação e Informação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Especialista em Assessoria de Comunicação e Marketing pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Formada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). E-mail: raphaelaferro@gmail.com.

(2004, p. 20), fornecer “informação independente, confiável, precisa e compreensível, elementos importantes para que o cidadão seja livre”.

Como diria Umberto Eco<sup>3</sup>, “a imprensa ainda é uma garantia de democracia, de liberdade, porque especialmente a pluralidade dos jornais exerce uma função de controle”. É a este papel que o jornalismo se apega para justificar sua existência em qualquer contexto social que seja e só faz sentido se ressignificar para se adequar às novas tecnologias se não perder seus sentidos primordiais nesse processo. Ações que mostrem desvinculação do jornal com sua função social podem facilitar o processo de perda de importância dessa ferramenta. O objetivo desse trabalho é identificar como os sites de jornais impressos têm lidado com a nova realidade, especificamente em Goiás, onde o jornal O Popular é a principal referência de jornalismo tradicional.

Ao tentar acompanhar a velocidade dos acontecimentos, o site deste veículo, especificamente, mas também de vários outros no País, tem dificuldade de realizar cobertura fidedigna, apresentando problemas principalmente em ocasiões em que o fato em questão gera grande repercussão em redes sociais digitais. Aqui trabalharemos com o caso específico de um estupro que teria acontecido na Universidade Federal de Goiás (UFG) em junho de 2016 e que teve grande repercussão imediata no *Twitter*, principalmente – em que a *hashtag*<sup>4</sup> #UFGseposicione esteve nos *Trending Topics*<sup>5</sup> da rede –, e no *Facebook*, gerando cobertura do site de O Popular.

Entretanto, é possível indicar que a falta de cuidado com os elementos e princípios do jornalismo não é uma exclusividade do caso que será analisado ou do jornal goianiense. Na 1ª edição da Revista de Jornalismo ESPM, Alberto Dines (2012, p. 11) já levantava os problemas do que chamou de “obsessão pela instantaneidade”, que, “sem o contrapeso da consistência e acrescida de uma tremenda carga de frivolidades”, “pode anular as vantagens da mídia digital”.

Segundo o jornalista e professor diz no artigo citado, “O bumerangue da urgência”, a internet criou o fluxo contínuo do noticiário e o tornou obrigatório. Está aí a sua força, mas também sua fraqueza, porque é “difícil avaliar a dimensão e implicações dos milhões de itens noticiados em simultâneo”. Em busca de acompanhar

<sup>3</sup> Citação de Umberto Eco retirada de entrevista concedida ao portal El País, disponível em [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/26/cultura/1427393303\\_512601.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/26/cultura/1427393303_512601.html), acessado em 11 de julho de 2016.

<sup>4</sup> *Hashtag* é o nome dado a palavras-chave antecedidas pelo sinal #, que permitem a indexação de conteúdos referentes a um assunto.

<sup>5</sup> *Trending Topics* é a lista que o próprio *Twitter* fornece em tempo real das palavras mais postadas em sua rede.

o ritmo da loucura cotidiana, o jornal se mostra, às vezes, tão perdido quanto os leitores que o procuram para encontrar o que é verdadeiro entre tanta informação disponibilizada na rede virtual.

Assim, oferecer informação completa e verdadeira deixa de ser prioridade. A partir dos conteúdos disponíveis nos sites de jornais impressos, o que parece mais importante é noticiar, mesmo que seja preciso corrigir a notícia depois ou complementar ou mudar totalmente o que foi escrito. Muitas vezes, anuncia-se que haverá complemento, mas ele não aparece posteriormente. Será esse o melhor caminho para a adaptação do jornal impresso à nova realidade da comunicação em que ele está inserido?

### **Transformações tecnológicas**

A tipologia de Gutenberg mudou a forma de transmitir informações no início do século XV. Como escreve Tuzzo (2016, p. 93 e 94): “até então a escrita era manual, o que restringia o acesso, mas com a tipografia, a palavra impressa se transforma, revoluciona a sociedade, modifica o diálogo e as formas de relacionamento”. Abriu-se espaço para a criação dos jornais impressos. Eles se modificaram ao longo da história e passaram por diferentes mudanças estruturais à medida que novas ferramentas de comunicação surgiam: o rádio, a televisão, e mais recentemente, a internet.

A *world wide web* começou a se popularizar na década de 1990, mas está em constante transformação, impactando cada vez mais o serviço dos jornalistas e o que eles produzem para as versões impressa e online dos jornais. “Com tanta informação na internet, a função do jornalista ganhou uma complexidade inédita na história da profissão”, considera Castilho (2015, p. 12). No prefácio do livro “Questões para um jornalismo em crise”, Castilho (2015, p. 15) adianta que “a cada dúvida resolvida no jornalismo praticado na internet surgem vários novos dilemas”.

Há vários anos, os diários impressos buscam sobreviver em um novo contexto marcado pela proliferação da concorrência em diferentes mídias, pela redução da publicidade comercial e pela necessidade imperiosa de se trabalhar com novos modelos de negócios para fazer frente aos custos operacionais e assegurar a rentabilidade das empresas. (RENAULT, 2013, p. 31)

O advento e a popularização do uso da internet originaram vários questionamentos e muitas previsões do impacto que a nova mídia poderia ter sobre os jornais impressos. Previu-se o fim destes, inclusive, mas o resultado imediato foi uma corrida de inserção dos veículos tradicionais no novo universo, por meio de sites e redes sociais. Entretanto, a postura desses veículos na internet ainda se mostra confusa. Não há um caminho trilhado a ser seguido.

Há a proliferação do conteúdo e ela é assimétrica. A audiência se fragmentou. A programação da televisão, da internet também se fragmentou. O público tem acesso a múltiplas plataformas. A publicidade se move para alvos cada vez mais definidos. As fronteiras clássicas da cadeia de comunicação são continuamente desafiadas e até os “valores” de mercado na indústria da comunicação se deslocaram. (COSTA, 2009, p. 237)

### **Função social do jornalismo**

O jornalismo passa por momento de transição, ou “transmutação” como sugerem Kérley Winques e Ricardo Torres (2015, p. 62) propondo “um novo olhar sobre o objeto jornalismo em uma perspectiva em que este olhe para a academia, a sociedade e para o ambiente tecnológico”. Contudo, a essência do jornalismo permanece, ou deveria permanecer, a mesma. Uma essência pautada em compromisso, credibilidade, verificação e verdade.

“Não é ingenuidade pretender que as empresas de comunicação devam dar prioridade, como valor, ao direito à informação”, decreta Bucci (2000, p. 35). A função social do jornalismo está diretamente ligada à cidadania e à democracia. Chaparro (1994, p. 23) diz que “o jornalismo é o elo que, nos processos sociais, cria e mantém as mediações viabilizadoras do direito à informação”. Apesar de todas as mudanças estruturais pelas quais o jornalismo passa, esse papel é imutável para que os jornais mantenham sua relevância junto à sociedade e tenham, inclusive, mercado.

O crescimento da internet e a chegada da banda larga, contudo, não significam, como dizem alguns observadores, que se tornou obsoleto o conceito que obriga, na hora de definir as notícias, a aplicação do bom senso na tentativa de decidir o que o cidadão precisa e quer para poder se autogovernar. Ao contrário, esse conceito só tem crescido.

John Seeley Brown, ex-diretor da Xerox PARC, o lendário grupo de estudos do Vale do Silício, na Califórnia, diz que em vez de enfraquecer a noção de serviço público do jornalismo, a tecnologia na verdade mudou a forma como os jornalistas cumprem essa missão. “O que precisamos na nova economia e

---

na nova cultura de comunicação é dar sentido às coisas.” (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004, p. 40 e 41)

Existem princípios que são básicos, que devem ser seguidos sempre. O jornalismo só tem importância se compreende isso e cumpre seus requisitos básicos.

### **Como o suposto estupro foi contado**

Em 14 de junho de 2016, postagens de um estudante da Universidade Federal de Goiás (UFG) no *Twitter* ganharam repercussão nacional na rede social, o que se espalhou por outras plataformas. Ele denunciava a ocorrência de um estupro. Daniel Bezerra escreveu que viu uma mulher ser jogada de um carro, correr para o banheiro masculino do prédio da Faculdade de Comunicação e Informação (FIC); que a seguiu e a viu se lavar na pia, tentou ajudá-la, mas ela o refutou. O relato demonstrava desespero.

O assunto se agigantou e logo a *hashtag* #UFGseposicione entrou nos *Trending Topics* do *Twitter*. O interesse pelo assunto foi captado pelo jornal O Popular, o primeiro a noticiar o caso em seu site<sup>6</sup>, ainda na noite do dia 14. A escolha deste caso como objeto se deu por causa da repercussão que o fato ganhou e pelas características da cobertura jornalística que foi feita pelo veículo em questão, que exemplificam a análise aqui proposta. No site de O Popular foram publicadas entre os dias 14 e 28 de junho, 25 matérias jornalísticas relacionadas ao fato citado.

Comparativamente, no mesmo período, outros jornais da capital goiana dividiram a informação em menor quantidade de postagens. O jornal *Opção*<sup>7</sup> publicou em seu site nove matérias a respeito entre os dias 15 e 23 de junho; o jornal *O Hoje*<sup>8</sup> colocou sete matérias sobre o suposto estupro em seu site, entre 15 e 17 de junho. Já o *Diário da Manhã*<sup>9</sup> divulgou seis notícias relacionadas ao assunto em seu site, de 15 a 26 de junho. Apesar da diferença no quantitativo de matérias, as informações oferecidas pelos jornais são, em maioria, as mesmas.

Por que, então, O Popular publicou tantas matérias a mais do que os outros e como isso foi feito? O excesso pode ser justificado pela prática da fragmentação das

---

<sup>6</sup> <http://www.opopular.com.br/>

<sup>7</sup> <http://www.jornalopcao.com.br/>

<sup>8</sup> <http://www.ohoje.com.br/>

<sup>9</sup> <http://www.dm.com.br/>

notícias, que tem pautado estratégias de webjornalismo e já tem sido analisada por autores que estudam a presente crise do jornalismo.

...na nova cultura da mídia de 24 horas por dia de notícias estas se tornaram mais fragmentadas; as fontes exercem maior poder sobre os jornalistas que as cobrem; diferentes padrões jornalísticos dismantelam a função de guardiã da imprensa; argumentos baratos, polarizadores, se transformam em reportagens devastadoras; e a imprensa mais e mais se concentra na busca da “grande matéria” que durante um período transitório junta os pedaços da agora fragmentada grande audiência. Reunidas, estas novas características, que chamamos Cultura da Mídia Misturada, estão deslocando a clássica função de selecionar um relato veraz e confiável dos fatos do dia, criando um novo jornalismo de afirmação, que está esmagando o velho jornalismo de verificação. (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004, p. 75).

A primeira notícia publicada a respeito do suposto estupro no site do jornal O Popular recebeu o título “Denúncia de suposto estupro na UFG causa mobilização e revolta nas redes sociais”. O destaque está mais na mobilização que o fato gerou nas redes sociais do que no que teria acontecido, que não fica claro no lead da matéria – considera-se aqui os dois primeiros parágrafos. Diz o início do texto da repórter Ráisa Guerra:

Um suposto estupro na Universidade Federal de Goiás (UFG) foi denunciado na internet na noite desta terça-feira (14). A história ainda causou mobilização e revolta nas redes sociais, onde a hashtag #UFGSePosicione está nos Trending Topics do Twitter em Goiânia e no Brasil.

Segundo o estudante de Relações Públicas Daniel Bezerra, de 21 anos, a jovem teria sido deixada pelo suposto estuprador no estacionamento próximo ao bloco da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), no Campus Samambaia.

Na sequência, a matéria repassa a versão de Daniel dos fatos, faz constar uma declaração do reitor da universidade sobre as buscas para confirmar o ocorrido e dar assistência à possível vítima e informações retiradas do *Facebook* sobre uma manifestação que seria realizada pelos alunos no dia seguinte, além das postagens de Daniel no *Twitter*, como foram feitas. Nelas, há a informação de que ele teria ligado para a polícia, mas não há nada na matéria publicada sobre uma resposta da polícia ou uma confirmação se houve realmente a ligação.

A segunda notícia é publicada na manhã do dia 15, mas não há informações diferentes das já fornecidas no dia anterior (Figura 1).



The screenshot shows a news article on the O Popular website. The main headline is "UFG apura suposto caso de estupro em Goiânia". The article text includes:

15/08/2016 09:03

Reprodução: Google Street View

Estacionamento é ponto de reclamação de estudantes pela má iluminação no período noturno

Através de nota a Universidade Federal de Goiás (UFG) informou que as equipes de segurança estão averiguando as informações sobre o **suposto estupro** que teria ocorrido dentro do Campus Samambaia, na noite desta terça-feira (14).

De acordo com a nota, a instituição está verificando imagens de câmeras internas e realizando rondas para localizar a possível vítima.

A UFG solicita que informações sobre o caso sejam comunicadas à Polícia Militar, por meio do serviço 190, ou à Central de Segurança da UFG nos telefones 62-3521-1337 e 3521-1093.

A reportagem está tentando falar com o reitor da UFG, sem êxito.

Navegue pelo assunto

Cidades: Estupro, UFG, Campus Samambaia, RC, Violência Contra a Mulher

On the right side of the page, there is a "Continue lendo" section with a list of related articles:

- 01 Denúncia de suposto estupro na UFG causa mobilização e revolta nas redes sociais
- 02 Alunos ocupam reitoria e apontam omissão da UFG após suposto estupro no campus
- 03 'Acredito que ela não vai aparecer', diz aluno que denunciou suposto estupro em campus da UFG
- 04 Alunos protestam na UFG de Goiânia após suposto estupro
- 05 UFG apura suposto caso de estupro em Goiânia

Below the list is an advertisement for "PADRÃO Medicina Diagnóstica e Preventiva" with a button for "AGENDAMENTO RÁPIDO".

Figura 1

Entre a publicação da nota da Figura 1 e a terceira matéria publicada sobre o assunto há menos de uma hora de intervalo. Sob o título “Alunos protestam na UFG de Goiânia após suposto estupro”, a nova postagem traz no lead a realização de um manifesto de estudantes na universidade, sem detalhes sobre o que foi feito, e uma entrevista em texto corrido com a delegada Ana Elisa Gomes Martins, titular da Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher, de Goiânia, sobre o procedimento legal em relação à denúncia.

Menos de 30 minutos depois, nova postagem: “Alunos ocupam reitoria e apontam omissão da UFG após suposto estupro no Campus”. Um vídeo amador feito pelo repórter Cleomar Almeida de um momento da manifestação de alunos abre a

matéria. O texto traz a descrição do que aconteceu momentos antes na universidade, mas não há nenhuma referência ao início do título – que, por si, já não define em qual Campus da instituição teria ocorrido o estupro -, não se fala sobre ocupação da reitoria.

Ainda na manhã do dia 15 de julho, mais uma matéria foi publicada sobre o assunto no site do jornal O Popular. Com novas declarações do estudante que denunciou o estupro e, inicialmente, a informação de que ele falaria à delegada responsável pelo caso à tarde e não de manhã como o jornal havia informado anteriormente, a notícia recebeu o seguinte título: “‘Acredito que ela não vai aparecer’, diz aluno que denunciou suposto estupro em câmpus da UFG”. Em uma das declarações do estudante, ele afirma que nenhuma câmera de segurança pegou a imagem da vítima entrando no banheiro, como contou. Não há questionamento a respeito nem é dado conhecimento de imagens de câmera na matéria ou nos conteúdos anteriores.

No mesmo dia 15, outras duas matérias foram publicadas no site do jornal em questão. “Jornalistas são agredidos e ameaçados durante manifestação na UFG, em Goiânia” e “Calcinha achada em banheiro da UFG poderá ser usada como prova de estupro”. A primeira com depoimentos de jornalistas que foram hostilizados por manifestantes e a defesa do Sindicato dos Jornalistas local e a segunda que tem título sobre uma calcinha achada no banheiro, mas lead falando do depoimento de Daniel Bezerra na delegacia. Aqui é dito que as câmeras de segurança ainda serão analisadas.

A sequência da cobertura sobre o caso está no jornal impresso. Foram publicadas no site de O Popular no dia 16 de junho, sobre o assunto, apenas as cinco matérias que figuraram no impresso do dia e o editorial do dia com referência ao fato – enfoque na agressão a jornalistas na manifestação de alunos. A forma de divisão do assunto em cinco blocos diferentes de conteúdo indica que a fragmentação migra do site para as páginas do jornal. O assunto é ampliado com a estatística de que há 40 processos administrativos instaurados na UFG para apurar casos de assédio. Há entrevistas com o denunciante e com o vice-reitor, curtas, em formato pingue-pongue.

Completam a cobertura as matérias correlatas “Vigilância armada volta a atuar nesta quinta no Câmpus Samambaia”, de Cleomar Almeida, e “‘Depoimento foi muito convincente’”, de Rosana Melo. A primeira traz declarações do diretor do Centro de Gestão do Espaço Físico da UFG, Marco Antônio Oliveira, sobre novas medidas de segurança para a instituição. Já a segunda, conta com declarações da delegada Ana Elisa



Gomes Martins, com muitas informações repetidas de matérias anteriores, mais o acréscimo das características de um suposto criminoso – “homem branco, alto e gordo, em um Gol preto” – e de estatísticas relacionadas a vítimas de violência de gênero.

Neste caso, a repetição se justificaria por serem plataformas diferentes, contudo nas cinco matérias publicas no jornal impresso no dia 16 pouco se explica sobre o fato em si. Quem não acompanhou a história pela internet, lê o jornal e não sabe exatamente o que aconteceu. Na entrevista “3 perguntas para Daniel Bezerra”, há o lead: “Estudante de Relações Públicas da Universidade Federal de Goiás (UFG), Daniel Bezerra, de 21 anos, conta em que estado encontrou a vítima e aponta falta de segurança”. Não há mais explicações sobre que vítima é essa e não se fala sobre segurança.

A reviravolta do assunto ocorre no dia 17, quando, pela manhã, a delegada responsável pelo caso afirma que o estupro foi inventado por Daniel. Durante o dia, a equipe online de O Popular posta cinco notícias a respeito em seu site. A primeira, divulgada às 8h44, traz as declarações da delegada, que perde o sobrenome: é nomeada apenas por Ana Elisa. O caso é lembrado por meio de *hiperlink* e também ao ser descrito no segundo parágrafo da matéria. No último parágrafo, a matéria traz a informação de que o estudante que fez a denúncia está em Porto de Galinhas sem explicar o sentido que isso faz para a história e motivos.

Das cinco matérias do dia 17, apenas uma é assinada, por Carmen Curti. As outras são creditadas à Redação. Na segunda delas, “Aluno que criou notícia de estupro pode ser expulso da UFG em Goiânia”, estão declarações do reitor da UFG, Orlando Amaral, dadas à rádio CBN. Não há explicação de se a reportagem do próprio jornal tentou falar com o reitor. O post seguinte, publicado 30 minutos depois sob o título “Imagens mostram estudante que denunciou estupro virando câmera de segurança”, não traz nenhuma informação nova, apenas o vídeo de 1 minuto, em que Daniel vira a câmera de segurança que poderia confirmar sua história, que tem uma propaganda que o antecede com a mesma duração.

A matéria seguinte, “Estudante que denunciou estupro na UFG diz que não lembra de ter virado câmera de segurança”, leva declarações do estudante ao público, mas não acrescenta respostas. Não há o porquê de ele ter virado a câmera de segurança uma semana antes do ocorrido, diz apenas que ele não se lembrava do fato. Fala de outra testemunha sem explicar quem, como, onde etc. A calcinha que foi encontrada no

banheiro é lembrada pelo aluno, mas não há nada a respeito de perícia. Essas informações seriam repetidas no jornal impresso do dia 28 só que em formato de entrevista pingue-pongue com Daniel.

O texto se encerra com declaração do reitor dada à CBN. A última matéria esquece o assunto e fala sobre investigação do Ministério Público Federal em Goiás sobre agressões que teriam ocorrido a jornalistas durante uma das manifestações da universidade. O fato de o MPF anunciar que vai investigar o caso é a única informação da notícia.

Quatro postagens do dia 18 de junho se referem ao assunto, mas todas são cópias do que foi publicado no impresso. A matéria principal é ““Ele usurpou de uma luta cara””. Quem é a autora da frase que dá título à matéria não fica claro, apesar das aspas. A referência à autoria da declaração só aparece no terceiro parágrafo da reportagem que aborda um debate de coletivos feministas da universidade. Em “Polícia fala em denúncia falsa”, repete-se a informação de que Daniel virou a câmera de segurança e acrescenta-se que a delegada afirmou que o local citado não é escuro e possui fluxo de pessoas. A reportagem não diz se checkou a informação indo ao local. Soma-se ao conteúdo um terceiro material, análise superficial de uma professora de sociologia da UFG sobre a veracidade da existência de violência contra a mulher, independente do caso.

Nove dias depois, o assunto é retomado no site de O Popular, em duas matérias sobre o pedido de reintegração de posse da reitoria da UFG, ocupada por manifestantes. A ação foi entregue aos manifestantes por um oficial de justiça no dia 24 e só foi noticiada no dia 27. A matéria que tratava da desocupação da reitoria no site no dia 27, de autoria de Gêssica Veloso e Thallys Alcântara, foi praticamente copiada de forma integral para o jornal impresso do dia 28, mas assinada apenas por Gêssica Veloso, com detalhamento de que ela é estagiária.

### **Pressa para ter acessos**

A cobertura jornalística do suposto estupro ocorrido na Universidade Federal de Goiás é encerrada sem respostas. Ao leitor, restam as dúvidas. O que foi feito da calcinha encontrada no banheiro? E do estudante que denunciou o fato? Em outros jornais há informações sobre o depoimento que ele teria dado à delegada após ter

retornado de viagem. Não há nada no site de O Popular a respeito. As medidas de segurança prometidas pela reitoria da UFG foram tomadas? O que mudou? A cobertura que começou frenética parou no momento em que o interesse do público foi diminuindo, em que os acessos para saber da história já não eram em mesma quantidade.

É possível inferir essa relação a partir de outra ferramenta oferecida pelo veículo. As notícias que vão para o site do jornal O Popular também são disponibilizadas no Expresso, uma versão do portal para dispositivos móveis, apesar de o acesso ao site do jornal e ao Expresso pelo smartphone terem efeito idêntico. A diferença da ferramenta focada no *mobile* é que ela indica abaixo de cada notícia quantas vezes ela foi acessada. Há uma xícara ao lado do número de vezes que aquela matéria foi “servida”. Algumas das matérias sobre o caso do suposto estupro na UFG tiveram quantidade de acessos bem superior ao que normalmente se vê no site.

A primeira notícia, da noite de 14 de junho, tem quase 40 mil acessos e todas as do dia 15 têm mais de mil acessos, cada, mesmo as que repetem informações já presentes anteriormente. No dia 17, a matéria “Denúncia de estupro na UFG em Goiânia é falsa, afirma delegada” tem mais de 24 mil acessos. O que é publicado sobre o assunto no dia também ganha bastante atenção do público, exceto a última postagem: “MPF apura agressões sofridas por jornalistas durante protesto na UFG”, que tem 495 “servidas”. Matérias do dia 27 de junho, sobre a desocupação da reitoria da universidade, também não se aproximam da marca de mil acessos<sup>10</sup> (Figura 2). À medida que diminuiu o interesse pelo caso e por seus assuntos relacionados, a cobertura também foi reduzida.



Figura 2

<sup>10</sup> Dados verificados em <http://expresso.opopular.com.br/> pela última vez em 14 de julho de 2016.

Quando usa a quantidade de acessos como valor-notícia, o jornal limita a informação que pode ser oferecida. Com a fragmentação característica da internet, há um excesso de notícias sobre um único assunto, mas que não acrescentam muito ao leitor, que busca o jornal para encontrar elementos que o auxiliem nos processos de entendimento do mundo e de posicionamento enquanto cidadão. A veracidade e a verificação dos fatos, característica importante no processo de apuração de notícias jornalísticas, são prejudicadas pela instantaneidade da internet. O objetivo é mais ter acessos porque aquele é o assunto do momento, do que oferecer todas as informações possíveis ao leitor.

A relação entre informação e comunicação também é comprometida em uma realidade onde ser o primeiro passou a ser mais importante do que ser verdadeiro. Primeiro se publica, depois, se não estiver correto, faz-se a correção... (TUZZO, 2016, p. 69)

Nesse sentido, é possível apontar na análise da cobertura do site do jornal O Popular sobre o suposto caso de estupro na UFG que vários desvios, considerando aquilo que se espera do jornalismo.

Existem, e isso pudemos extrair de nossas pesquisas, alguns princípios com os quais os jornalistas concordam – e os cidadãos têm o direito de esperar. São princípios que passam por períodos de fluxo e refluxo ao longo do tempo, mas de alguma forma sempre estão evidentes. São os elementos do jornalismo.

O primeiro entre eles é que a finalidade do jornalismo é fornecer informação às pessoas para que estas sejam livres e capazes de se autogovernar.

Para realizar essa tarefa:

1. A primeira obrigação do jornalismo é com a verdade.
2. Sua primeira lealdade é com os cidadãos.
3. Sua essência é a disciplina da verificação.
4. Seus praticantes devem manter independência daqueles a quem cobrem.
5. O jornalismo deve ser um monitor independente do poder.
6. O jornalismo deve abrir espaço para a crítica e o compromisso público.
7. O jornalismo deve empenhar-se para apresentar o que é significativo de forma interessante e relevante.
8. O jornalismo deve apresentar as notícias de forma compreensível e proporcional.
9. Os jornalistas devem ser livres para trabalhar de acordo com sua consciência. (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004, p. 22 e 23).

Considerando a lista de elementos do jornalismo criada por Kovach e Rosenstiel, é possível indicar as omissões do jornal O Popular no caso analisado, pelo menos, nos quesitos “obrigação com a verdade”, “disciplina de verificação”, “compromisso público”, “apresentar o que é significativo”. Nas matérias publicadas no site em questão constam falta de informação, conteúdo incompleto, repetição de dados em matérias diferentes sem acréscimo de novidades. As notícias são divulgadas sem apuração completa, o que implica numa incongruência entre fatos e relatos. Muitas vezes, na ânsia por acessos, os títulos nada têm a ver com os textos que se relacionam a eles e não há nenhuma relação título-olho-lead.

O foco das matérias é apenas declaratório, reproduzem-se as declarações dos personagens envolvidos, que em algumas ocasiões nem foram ouvidos pela própria reportagem. Algumas informações ficam soltas e não são retomadas: a Polícia Militar recebeu a ligação do denunciante no dia do ocorrido? Não há voz da entidade em nenhum lugar, apesar de Daniel Bezerra ter dito que ligou no telefone de emergência da mesma. Do que se trata o plano de segurança da UFG, citado, mas não explicado? Os 40 casos de assédio anunciados em uma das matérias não são retomados também. Em nenhum momento, o jornal informou sobre o fato de a ocupação da reitoria ter sido considerada uma ocupação feminista e gerado um movimento que segue com ações - “As Minas na Reitoria UFG”.

Desconsideramos na análise, mas também são fatores a serem elencados, os erros de digitação, de português, de concordância de gênero, a indefinição sobre escrita de algumas palavras como câmpus e as ambiguidades na construção das frases. Não se fala também sobre a qualidade amadora de fotos e vídeos que são anexados às notícias no site. A análise recai mais sobre a forma como a cobertura como foi construída.

Frente ao caso de denúncia de estupro no principal câmpus da UFG, um dos principais veículos de comunicação do Centro-Oeste não soube o que dizer. Havia apenas uma testemunha e, mesmo com cuidado até exagerado em não cravar a ocorrência do estupro como certa, os veículos usaram manchetes panfletárias para tratar o caso, promovendo mais desinformação do que informação e demonstrando insegurança com os fatos. Era preciso publicar, mesmo que a matéria tivesse mais suposições do que fatos. Era preciso publicar rápido porque havia interesse. Como escreve Ana Carolina Rocha Pessôa Temer na apresentação de “Os Sentidos do

Impresso” (TUZZO, 2016, p. 19), “o ritmo dos meios é o da velocidade, e a velocidade sempre dificulta a reflexão”.

### **Considerações finais**

Em “A saga dos cães perdidos”, Ciro Marcondes Filho elabora “uma lista de “pecados”, uma dúzia, que dá conta do desmanche da solidez e mostra quão relativa é a ética no jornalismo”, conforme cita Costa (2009, p. 234). O quarto “pecado” na lista é: “Publicar o provisório e o não-confirmado para obter o furo, transformar o rumor em notícia”. A velocidade das novas tecnologias da comunicação e o desespero dos jornais para se adequar à instantaneidade da internet tem direcionado o jornalismo para o erro.

Em lugar de correr para acrescentar contexto e interpretação, a imprensa precisa se concentrar na síntese e na verificação. Que tire fora o rumor, a insinuação, o insignificante e engraçadinho e se concentre no que é verdadeiro e importante de uma história. À medida que os cidadãos encontram um grande fluxo de dados, eles precisam de mais – e não menos – fontes identificáveis para verificar aquela informação, apontando o que é mais importante para saber e descartando o que não é. (...) Em resumo, a necessidade da verdade é maior, não menor, no novo século, considerando que a presença da inverdade tem sido muito mais prevacente. (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004, p. 77).

Ainda muito é preciso pesquisar para entender quais caminhos o jornalismo tem de percorrer para se manter vivo, seja no papel ou na internet. Parte-se do que é posto: é preciso cumprir sua função social. E se preocupar mais com acessos do que com ela não dará credibilidade aos sites de jornais tradicionais que tentam se estabelecer na nova plataforma. Kovach e Rosenstiel (2004, p. 42) enfatizam que a função do jornalismo não mudou na era digital. “As técnicas talvez sejam diferentes, mas os princípios básicos são os mesmos. O jornalista em primeiro lugar está envolvido na verificação.”

### **Referências Bibliográficas**

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COSTA, Caio Tulio. **Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CHRISTOFOLETTI, Rogério (org.). **Questões para um jornalismo em crise**. Florianópolis: Editora Insular, 2015.

---

CRUZ, Juan. Umberto Eco: “A internet pode tomar o lugar do mau jornalismo”. **El País**, São Paulo, 30 mar. 2015. Disponível em: [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/26/cultura/1427393303\\_512601.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/26/cultura/1427393303_512601.html). Acesso em: 14 jul. 2016.

DINES, Alberto. O bumerangue da urgência. **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 10-11, mar. abr. mai. 2012.

KOVACH, BILL. ROSENSTIEL, Tom (coautor). **Os elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. 2.ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

RENAULT, David. A convergência tecnológica e o novo jornalista. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 30-49, 2013.

TUZZO, Simone Antoniacci. **Os sentidos do impresso**. Goiânia: Gráfica UFG, 2016.